

Apresentação

Esta publicação da revista **Scripta** põe em circulação os textos resultantes do seminário “A Educação Estética: artes e saberes”, promovido no âmbito do Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas. Dessa forma, o tema da estética atravessa as reflexões que são apresentadas, fornecendo um painel amplo em que o texto literário é posto em significativo relevo.

A obra notável de Fernando Pessoa é focalizada em quatro momentos singulares em que se destacam as considerações que Audemaro Taranto Goulart faz sobre o importante poema “Ode marítima”, revelando como os aspectos dos jogos de linguagem e da metaliterariedade encorpam os mecanismos do desejo que se explicitam por todo o texto. Cláudia Souza mostra como as reflexões de Lombroso ajudam no entendimento da produção da heteronímia pessoana, sobretudo no que diz respeito às relações entre a literatura e a psiquiatria. É de se destacar que as considerações da articulista fundam-se em diários e notas de leitura que ela compulsou no espólio do escritor. Também a questão da heteronímia constitui o cerne das reflexões de Nuno Ribeiro, já agora voltadas para uma interessante relação estabelecida entre os fundamentos da criação dos heterônimos e a leitura que Fernando Pessoa fez de textos do escritor e pensador Novalis. Para sustentar suas reflexões, Nuno Ribeiro chama a atenção para o fato de que existem inúmeras referências a textos de Novalis na biblioteca particular de Pessoa, como é o caso de anotações que o poeta fez numa tradução francesa de obras do pensador alemão. Também no campo da filosofia, associado às reflexões sobre a estética, encontra-se o trabalho de Karina Bersan Rocha que toma os poemas “Ode triunfal” e “Ode marítima”, do heterônimo Álvaro de Campos, indicando como se pode, através deles, reconhecer a busca do conhecimento de si, do mundo e de Deus, empreendida por Fernando Pessoa. Tal movimento analítico passa pelos escritos sobre o Sensacionismo e os “Apontamentos para uma estética não-aristotélica” de Álvaro de Campos, alcançando poemas tanto do Pessoa ele mesmo quanto do heterônimo.

A questão da criação literária, princípio fundamental da estética, encontra formulações atraentes em vários textos. No artigo de Alex Fabiano Correia

Jardim, o tema é extraído do romance **Lavoura arcaica**, de Raduan Nassar. Ali, o analista coloca indagações pertinentes que buscam pôr em relevo as relações humanas, assim como determinar o papel da subjetividade no processo criativo. Tais preocupações colocam uma questão ainda mais essencial que é a perspectiva de pensar a narrativa literária como leitura do mundo. Trilhando outros caminhos mas também incidindo no tema da criação, vendo, inclusive, a vida como arte e o papel que o artista pode desempenhar nela, Sérgio Murilo Rodrigues centra sua atenção na figura de Amy Winehouse, daí que, valendo-se de reflexões filosóficas, coloque a instigante afirmação: “criar significa destruir também”. É interessante encontrar a justificativa para isso no artigo de Sérgio Murilo e a partir dele compreender como a “angústia e a vida dilacerada” são o preço que o artista, muitas vezes, tem que pagar pela genialidade. A criação estética é também detalhada por Juliana Cristina Salvadori num artigo que focaliza o singular poema “Isso é aquilo”, de Carlos Drummond de Andrade. É de se destacar que, para uma compreensão mais efetiva do poema, a articulista propõe uma experiência conjunta de leitores – professores e alunos – fazendo com que o texto estético revele sua fundamental condição de ser uma experiência formativa e humanizadora. A dimensão pedagógica que é sugerida pelo artigo configura instância das mais importantes no trato do texto literário, sobretudo na aplicação de uma prática que é essencial para a formação de leitores.

A figura do subalterno aparece em dois textos bem estruturados que revelam uma dimensão bastante original da questão estética. No primeiro deles, Natalino da Silva Oliveira focaliza o tema através do processo nomeado “Estética da dissimulação”, dirigindo sua lente para duas personagens: Prudêncio, do romance **Memórias póstumas de Brás Cubas**, de Machado de Assis, e Vicente, que aparece na narrativa **As visitas do Dr. Valdez**, do cidadão moçambicano João Paulo Borges Coelho. O conceito se origina nas reflexões da crítica e teórica indiana Gayagri Spivak e procura dimensionar o papel do texto literário na abordagem do tema da subalternidade que se faz presente em inúmeras obras de literatura.

A relação da literatura numa perspectiva interna como a da intertextualidade e com outros sistemas pode levar a singulares percepções do objeto estético. Desse modo, tomem-se quatro textos dos que aqui se apresentam para confirmar a observação feita. Assim, o artigo de Emanuela Francisca Ferreira Silva apanha o poema “Castigo pro comboio malandro”, de Antônio Jacinto, para mostrar como é viável produzir algo que funcione na dimensão da crítica

social e política. É o que a articulista destaca, chamando a atenção para o fato de que o poema foi composto para conscientizar os angolanos da necessidade de se romper com a tradição colonialista. Se o objetivo era o de alcançar os habitantes das zonas rurais, a estratégia escolhida foi disponibilizar o poema para ser declamado em voz alta, além de musicá-lo, apresentando-o em disco. Essa articulação é que comanda as observações feitas por Emanuela Ferreira Silva. O cruzamento de códigos estéticos pode ser também vislumbrado no artigo de Luciana Brandão Leal que focaliza a relação que se pode estabelecer entre a literatura e as artes visuais. Dessa maneira, a articulista procura estabelecer aproximações do texto literário com o cinema, visto que um elo fixado na modernidade é capaz de propiciar as reflexões que tal cruzamento dá a ver. Para além da relação indicada, Luciana busca também inserir a autobiografia como forma de mobilizar as intenções dos criadores na apresentação da subjetividade, numa evolução que a ultrapassa. No plano dos relacionamentos internos, apresenta-se o artigo de Cláudia Lorena Vouto da Fonseca, que focaliza as relações intertextuais no livro **Assim na terra**, de Luiz Sérgio Metz, mostrando como o escritor transita na linha dos chamados autores-críticos, numa formulação discursiva em que ecoam textos de nomes famosos no cenário internacional como Borges, Huidobro e Octavio Paz, além do brasileiro Aureliano de Figueiredo Pinto. Todos esses aspectos de cruzamento de discursos podem ser vistos sob a instigante perspectiva da arte, ou seja, da efusão estética. E, nesse caso, algumas perguntas instigantes se colocam: “o que é arte contemporânea? Qual é seu espaço? Quais são suas materialidades? Que experiências estéticas produz?”. Tais questões são colocadas por Anton Miguez, em artigo que procura discutir e debater aspectos muito explicitados mas pouco debatidos e assimilados no terreno da arte. As considerações de Miguez derivam da exposição de obras de Douglas Gordon na 29ª. Bienal Internacional de São Paulo. Advertindo que o objetivo de seu trabalho não é apresentar respostas às indagações feitas, o autor salienta a intenção de provocar o debate e fazer surgir “as várias vozes que trazemos de nossas leituras, nossas próprias dúvidas e inquietações”. Como se vê, essa premissa guarda significativa relação com as articulações discursivas focalizadas nos outros três textos, funcionando como motivação para discuti-las em profundidade.

O conto “Famigerado”, de Guimarães Rosa, lido e comentado em inúmeras situações e lugares, é o fulcro da leitura de Edson Santos de Oliveira, segundo a noção de limiar de Walter Benjamin. O articulista dá especial relevo à questão da ambiguidade, categoria que faz diferença no texto de Rosa, uma vez que é a

partir dela que Edson Santos põe em relevo o aparecimento de notáveis jogos de linguagem com que o leitor se delicia na narrativa. E isso, segundo o autor do artigo, é uma amostra importante do conceito de limiar em Benjamin, uma vez que dá a ver o que seria o pensamento por imagens. De outro lado, se se considera o dinamismo da estética segundo a noção de equilíbrio, tal como postulada por Schiller, o narrador é um exemplo precioso desse arranjo, como bem observa o articulista.

A psicanálise é um operador de grande rendimento na leitura do texto literário e, conseqüentemente, da instância da estética. Nessas condições, é altamente profícuo poder contar com o saber de dois psicanalistas que revelam grande familiaridade com o trato do objeto estético. Guilherme Massara Rocha aproxima Schiller e Freud, de onde extrai significativas reflexões sobre a tópica da educação e da formação da subjetividade. A importância de suas colocações pode ser avaliada a partir da constatação de que ambos os pensadores focalizados primaram pela ambição de atribuírem ao sujeito humano uma condição de se situarem num *locus* mais consentâneo com um desejado e necessário equilíbrio. Massara adverte que tudo pode estar na “ordem da utopia de uma cultura estética”, mas a utopia é um desejo que, nas palavras de Deleuze, situa-se onde o revolucionário inscreve seu sonho de revolução permanente. Wagner Siqueira Bernardes, por sua vez, estabelece relações instigantes ao acentuar as formulações de Freud sobre a estética e a arte. Ao destacar o tema do “estranho”, Wagner Bernardes mostra como o repulsivo e o horror nele presentes podem conduzir à “fruição de emoções altamente prazerosas”. E se o projeto humano é a busca do prazer, é surpreendente e, ao mesmo tempo, motivador saber “como a dor pode se tornar veículo e condição de deleite”. Que se leia o artigo em busca dessa explicação.

Os organizadores

DOSSIÊ ESTÉTICA